

Ivy Judensnaider

Como escrever uma monografia

Akademy
EDITORA

IVY JUDENSNAIDER

**COMO ESCREVER UMA
MONOGRAFIA**

Akademy
EDITORA

2025

Copyright © 2025 Editora Akademy
Editor-chefe: Celso Ribeiro Campos
Diagramação e revisão: Editora Akademy
Capa: Andrea Levy

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

J92c

Judensnaider, Ivy.
Como escrever uma monografia.
São Paulo: Editora Akademy, 2025.

Ivy Judensnaider.
ISBN 978-65-80008-56-8

1. Monografia 2. Pesquisa 3. TCC 4. Metodologia 5. ABNT
I. Título

CDD: 378

Índice para catálogo sistemático:
1. Educação Superior 378

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio sem a prévia autorização da Editora Akademy.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Os autores e a editora empenharam-se para citar adequadamente e dar o devido crédito a todos os detentores dos direitos autorais de qualquer material utilizado neste livro, dispondo-se a possíveis acertos caso, inadvertidamente, a identificação de algum deles tenha sido omitida.

Editora Akademy – São Paulo, SP

Corpo editorial

Alessandra Mollo (UNIFESP-CETRUS)
Ana Hutz (PUC-SP)
Ana Lucia Manrique (PUC-SP)
André Galhardo Fernandes (UNIP)
Andréa Pavan Perin (FATEC)
Antonio Correa de Lacerda (PUC-SP)
Aurélio Hess (FOC)
Camila Bernardes de Souza (UNIFESP/EORTC/WHO)
Carlos Ricardo Bifi (FATEC)
Cassio Cristiano Giordano (FURG)
Claudio Rafael Bifi (PUC-SP)
Daniel José Machado (PUC-SP)
Fernanda Sevarolli Creston Faria Kistemann (UFJF)
Francisco Carlos Gomes (PUC-SP)
Freda M. D. Vasse (Groningen/HOLANDA)
Heloisa de Sá Nobriga (ECA/USP)
Jayr Figueiredo de Oliveira (FATEC)
José Nicolau Pompeo (PUC-SP)
Marcelo José Ranieri Cardoso (PUC-SP)
Marco Aurelio Kistemann Junior (UFJF)
María Cristina Kanobel (UTN – ARGENTINA)
Maria Lucia Lorenzetti Wodewotzki (UNESP)
Mario Mollo Neto (UNESP)
Mauro Maia Laruccia (PUC-SP)
Michael Adelowotan (University of JOHANNESBURG)
Océlio de Jesus Carneiro Morais (UNAMA)
Paula Gonçalves Sauer (ESPM)
Roberta Soares da Silva (PUC-SP)
Sandra Gonçalves Vilas Bôas (UNIUBE)
Tankiso Moloi (University of JOHANNESBURG)

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas ad hoc.

Sumário

Agradecimentos.....	05
Apresentação.....	06
1. A pesquisa acadêmica.....	08
1.1. A monografia.....	14
2. O Projeto de Pesquisa.....	15
2.1 A pesquisa exploratória.....	18
2.2 Os elementos do Projeto de Pesquisa.....	23
2.3 A qualificação do Projeto de Pesquisa.....	31
3. O Relatório de Pesquisa: a monografia.....	34
4. A escrita do texto acadêmico: algumas sugestões.....	37
4.1 A leitura e a seleção de conteúdo.....	39
4.2 A intertextualidade: o diálogo entre textos.....	42
5. A publicação de artigos acadêmicos.....	46
Bibliografia.....	48
Sobre a autora.....	49

Agradecimentos

Quero agradecer a todos os alunos e professores com quem convivi durante os trinta anos da minha carreira acadêmica. Como nossas relações sempre foram de troca e diálogo, sou grata a tudo que aprendi com eles.

Agradeço também aos amigos que me auxiliaram com sugestões valiosas para a escrita deste livro, em especial Alexandre Pereira Tondella, Carla Maria Bernaderi Massabki, Clovis Chiezzi Seriacopi Ferreira, Christiane Mazur Doi, Eduardo Canas, José Carlos Morilla, Josefa Alexandrina da Silva, Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa, Tayna Mioni Nakamura e Thaís Cyrino de Mello Forato.

Finalmente, agradeço ao editor e amigo Celso Ribeiro Campos, da Akademy Editora, pelo acolhimento e profissionalismo na produção e publicação do meu trabalho.

Apresentação

Mais de trinta anos de experiência com a orientação de TCC (Trabalhos de Conclusão de Curso), monografias e outros trabalhos acadêmicos conduziram-me à escrita deste texto. Independentemente do curso ou da área de conhecimento dos estudantes (e já orientei trabalhos nas áreas de Administração, Economia, Nutrição, Comunicação e Jornalismo), as dificuldades e os obstáculos são semelhantes. De forma recorrente, chama a atenção o fato de que, ao iniciar um trabalho monográfico, algo similar a uma neblina parece toldar a visão dos estudantes, fazendo com que eles se esqueçam de qualquer coisa parecida com Metodologia de Pesquisa que já tenham visto antes. Tal fenômeno torna o esforço de redigir uma monografia algo próximo a viajar para o espaço dentro de uma caixa de papelão.

Talvez isso ocorra em função de as disciplinas metodológicas, *per se*, não exigirem monografias para sua aprovação: em geral, nelas trabalham-se os projetos e os relatórios de outras disciplinas, a respeito das quais o professor encarregado de métodos e outros procedimentos metodológicos não tem tanta familiaridade. Acredito que essa dissociação explique, em parte, o desgaste emocional que o trabalho de elaborar o TCC provoca nos estudantes

O texto aqui apresentado tem, como propósito, orientar o estudante nas atividades práticas e teóricas envolvidas com a escrita acadêmica. Escrevi este texto com base em algumas premissas:

- a) o estudante tem dificuldade para dar início ao trabalho de escrita acadêmica;
- b) o estudante sente-se desorientado diante de tanto material de pesquisa;
- c) o estudante sente-se inseguro quanto à análise do material de pesquisa;
- d) o estudante está mais focado em questões práticas da redação acadêmica do que em questões filosóficas e epistemológicas;
- e) o estudante está mais preocupado com o trabalho prático de análise e redação do que com regras e normas técnicas.

Tais suposições conduziram-me à escolha dos conteúdos que o texto traz. As referências teóricas poderão ser encontradas apenas nas seções de **Saiba Mais** e na própria bibliografia, ao final do texto. Ainda, concentrei-me em exemplificar apenas

algumas normas técnicas, deixando o estudante avisado de que as demais poderão ser localizadas em outras fontes quando necessário.

Este texto está organizado em cinco capítulos. No primeiro, discute-se o que vem a ser a pesquisa acadêmica e como a monografia se situa neste contexto; no segundo, são exploradas algumas questões referentes ao Projeto de Pesquisa; no terceiro, são analisados aspectos relacionados à monografia propriamente dita; no quarto, sugestões são feitas para facilitar o trabalho da escrita acadêmica. Finalmente, o texto encerra-se com algumas reflexões a respeito da importância de publicar artigos com base nas pesquisas feitas em trabalhos acadêmicos.

Espero que o material aqui apresentado possa ajudar os estudantes envolvidos no esforço de pesquisar e de produzir escritos acadêmicos. Bom trabalho!

1. A pesquisa acadêmica

As pesquisas acadêmicas são aqueles trabalhos produzidos no contexto acadêmico, ou seja, nas Universidades e Faculdades, durante a realização de um curso de nível superior – seja ele tecnológico, de bacharelado ou de licenciatura – ou de pós-graduação.

O trabalho acadêmico é um trabalho científico. Não é nossa intenção reconstruir historicamente o quanto o conceito de Ciência mudou desde o século XIX (data do nascimento da Ciência Moderna, ao menos para a grande maioria dos pesquisadores). Afinal, como a Ciência é uma realização humana, um empreendimento humano, ela abriga diversas definições, a depender do tempo histórico e do grupo social que a produziram.

SAIBA MAIS: Caso você queira se aprofundar a respeito das transformações históricas no campo da Ciência, sugiro o livro *Histórias Esquecidas da Ciência*, organizado por Robert B. Silvers, que nos traz descobertas científicas que foram descartadas ao longo do tempo, tais como o magnetismo “animal” e a concepção da linearidade da evolução humana.

Referência: SILVERS, R. B. *Histórias esquecidas da Ciência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Já que estamos interessados na produção de trabalhos acadêmicos no contexto de atividades práticas, vamos restringir a gama de definições e de atributos que cercam o conceito de Ciência. Por conta desse propósito, vamos escolher uma forma de ver a Ciência e, a partir desta escolha, sugerir procedimentos com vistas à produção de monografias e de outros trabalhos acadêmicos. É necessário que fique claro que esta escolha não implica o desmerecimento de outras formas de entendimento sobre o que seja Ciência, tampouco qualquer preconceito em relação às demais manifestações de conhecimento e de saber.

Vale uma observação: a atividade científica é uma forma de conhecer e apreender o mundo que nos cerca, mas não é a única. A religião, por exemplo, também é uma forma

de conhecimento, só que de outra natureza. O conhecimento religioso, apenas para citar uma diferença em relação ao conhecimento científico, pretende explicar *tudo* a partir de *certezas inquestionáveis*; ao contrário, o conhecimento científico parte do princípio de que a dúvida impulsiona a busca por respostas e a construção do saber.

Quando o ser humano atribuía a seres divinos a existência de trovões ou chuvas, ele estava procurando obter explicações e dar sentido à ocorrência de fenômenos naturais. Esse é o mesmo propósito do conhecimento científico, só que mediado por diferentes instrumentos e procedimentos que são objeto da formação acadêmica dos estudantes dos mais diferentes cursos e níveis de Ensino Superior.

Outro tipo de conhecimento que utilizamos no dia a dia é aquele proveniente do senso comum, um conhecimento que reúne saberes construídos por meio do convívio social e se manifesta por meio de opiniões e crenças. Tanto o conhecimento religioso quanto o senso comum são importantes e nos dão base para os julgamentos que fazemos diariamente, embora não sejam formas científicas de conhecimento. Dessa forma, nem todo conhecimento útil e eficaz é, necessariamente, de natureza científica. Mais: o atributo de cientificidade não torna um saber melhor ou pior do que outro sem esse caráter; torna-o apenas mais apropriado a determinados contextos.

Para nós da academia, a Ciência será entendida como o conjunto organizado de conhecimentos produzidos com base em evidências empíricas. Essas evidências configuram-se como sinais ou indícios que sustentam afirmações ou teorias. Vejamos um exemplo bem fácil de compreender: afirmamos que a água entra em ebulição ao atingir 100°C, desde que a pressão atmosférica seja 1 atm, e há evidências bem claras de que isso seja verdadeiro. Para confirmar ou não nossa afirmativa, basta colocar a água para ferver e verificar em qual temperatura ela entra em ebulição à pressão citada.

O conhecimento científico constrói-se dessa forma: observamos a realidade, formulamos uma hipótese – algo que acreditamos ser provável acontecer – e submetemos essa hipótese a teste, coletando evidências de forma a confirmá-la ou não. Concordamos ser esta uma forma bastante conservadora de entender a Ciência; no entanto, entendemos que a capacidade de (re)produzir conhecimento dessa maneira é um passo essencial para a formação de qualquer pesquisador.

Assumimos que a Ciência é produzida por meio de investigações sistemáticas e metódicas com o objetivo de compreender o mundo que nos cerca e obter respostas a perguntas feitas diante das condições e das circunstâncias da realidade. Diante de todos os fenômenos do mundo real, perguntamo-nos como as coisas ocorrem e quais as causas que provocam determinados resultados. A busca por essas respostas, quando feita de acordo com parâmetros aceitos pela comunidade de pesquisadores, resulta na construção do conhecimento científico.

A construção do conhecimento científico deriva de atitudes científicas que são treinadas segundo critérios bem claros e explícitos. Ser capaz de fazer Ciência requer preparo. Mais: requer o uso de uma linguagem específica capaz de ser identificada por todos, a fim de fazer com que os frutos do seu desenvolvimento possam ser consensualmente reconhecidos pela comunidade de pesquisadores e cientistas.

O exercício da pesquisa científica tem características bem específicas e é sobre elas que tratarei agora. Assim, entende-se que o conhecimento científico:

- a) tem, como base, a observação e a experiência empírica, ou seja, ele é construído por meio do contato com a realidade, sendo que tais processos, em geral, são guiados por ideias pré-concebidas a respeito dos fenômenos do mundo que nos cerca;
- b) tem, como propósito, a formulação de leis e de teorias, a partir da descoberta de regularidades que permitem prever o comportamento de fenômenos dentro de determinado grau de certeza;
- c) busca apoiar-se na objetividade e na racionalidade, por meio da utilização de métodos sistemáticos e, quando possível, de mensuração da realidade;
- d) transforma-se ao longo do tempo, expondo-se a críticas e ao falseamento; dessa forma, ele é quase sempre provisório;
- e) é produzido em função das possibilidades do seu tempo e da cultura da qual emana.

Em geral, o conhecimento científico é construído por meio de processos de contato com a realidade, quais sejam, a dedução e a indução. Na dedução, explicações gerais são utilizadas para explicar casos particulares. Vejamos: caso você queira explicar a lógica histórica de povoamento do Brasil, pode partir da suposição de que a população foi se estabelecendo na costa marítima e, a partir daí, ocupando os espaços em direção ao interior do país. Essa é uma explicação geral, que não é sinônimo de verdade absoluta: ela é aquela que melhor explica, àquele momento, determinado fenômeno. No nosso caso, é a que dá conta de explicar o fato de as cidades ao longo da orla terem sido as primeiras a surgir. Em outras palavras, deduziu-se algo a respeito do processo de povoamento e, com base nisso, explicou-se o surgimento de cidades. Por sua vez, a indução parte de casos particulares para, a seguir, formular explicações gerais. Um exemplo clássico é o que diz respeito à conclusão de que os corvos são negros. Vê-se um corvo e ele é negro; observa-se outro corvo e ele também é negro; continua-se a observar e os demais corvos que surgem são negros. Conclui-se, portanto, que todos os corvos são negros. Ou seja: a partir da observação de casos particulares, assume-se a existência de uma explicação geral.

Como você já deve ter percebido, ambos os processos são passíveis de erros e falhas. Podemos assumir, na dedução, premissas falsas. Quanto ao processo indutivo, é possível surgir um corvo branco, e, a partir daí, impõe-se a necessidade de negar a regra geral de os corvos serem sempre negros.

SAIBA MAIS: O artigo de Michel Paty, *A criação científica segundo Poincaré e Einstein*, traz uma reflexão alternativa aos processos de dedução e indução na construção do conhecimento científico. Assim, o autor examina as atividades de Poincaré e Einstein sob o ponto de vista da invenção científica e da inovação, ambas guiadas pela intuição.

Referência: PATY, Michel. A criação científica segundo Poincaré e Einstein. **Estudos Avançados**, v. 15, p. 157-192, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7fpWfq4kd7KW73mxgR58GSL/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

O conhecimento científico é provisório: como já foi dito, ele se submete a constantes testes, ele está sujeito a mudanças. Claro está que há conhecimentos em relação aos quais temos graus maiores de certeza. Em pleno século XXI, não faz o menor sentido acreditar que a Terra seja plana nem que vacinas provocam doenças ao invés de curá-las. Tampouco faz sentido duvidar da Teoria da Evolução de Darwin, a respeito da qual os cientistas têm obtido, sistemática e continuamente, evidências que a corroboram.

Outra questão que vale a pena discutir com mais profundidade diz respeito à racionalidade e à objetividade que devem cercar a produção do conhecimento científico. Preste atenção: a ética, a racionalidade e a objetividade *são metas de todo pesquisador*, embora se saiba que *não há racionalidade total nem objetividade absoluta* no trabalho de construção do conhecimento. Explicamos: o cientista se apoia na lógica e procura ser o mais objetivo possível quando está pesquisando. No entanto, as falhas e os erros fazem parte da manifestação cognitiva, ou seja, são elementos constituintes do processo de conhecer algo. Como atividade humana que é, a cognição precisa lidar com os limites das suas possibilidades.

Ainda, as atividades humanas – ao menos, aquelas que não são unicamente frutos dos instintos – estão permeadas de julgamentos morais. Vemos o mundo por meio de lentes que foram construídas socialmente, e sem essas lentes não há como dar sentido ao mundo. Essas lentes mediam a nossa relação com a realidade e, portanto, podemos – no

máximo – almejar a objetividade, embora isso, efetivamente, seja quase improvável de ocorrer. Na maioria das vezes, conseguimos apenas estar cientes do quanto essas lentes moldam a nossa forma de ver o mundo e o quanto de subjetividade elas acrescentam à nossa percepção da realidade. Em resumo: não existe Ciência neutra.

ATENÇÃO: Anteriormente, dissemos que a observação e a experiência empírica são, em geral, guiadas por ideias pré-concebidas a respeito dos fenômenos do mundo que nos cerca. Você concordará, agora, que não poderia ser de outro jeito: a nossa cultura molda o nosso olhar em direção à realidade, portanto, quando estamos observando ou testando algo, temos a intuição e a expectativa de encontrar algo que possa responder a uma pergunta feita interiormente. Não olhamos o mundo a partir do nada, mas em função do nosso passado, das nossas experiências familiares, dos nossos valores e dos nossos julgamentos. Por conta disso, ressalto que não há conhecimento isento de subjetividade: por ser algo construído pelo ser humano, ele é, necessariamente, imerso em subjetividade.

Finalmente, vale a pena abordarmos a questão da pseudociência, uma manifestação cultural que tem se disseminado com rapidez surpreendente e que, não raras vezes, corrompe o ambiente da Ciência e da pesquisa científica. Entenderemos que o conhecimento pseudocientífico é aquele que se pretende científico mas, na verdade, não o é. Ele parece científico e aparenta ter validade científica, no entanto, ele envolve temas que estão fora do domínio da ciência, não se cerca de cuidados metodológicos e, finalmente, não apresenta evidências que deem suporte ao que defende.

A demarcação entre Ciência e pseudociência tem provocado inúmeros conflitos entre os pesquisadores. Há pesquisadores, por exemplo, que classificam a homeopatia, a psicanálise e a astrologia como conhecimentos pseudocientíficos. Outros, no entanto, garantem que essas áreas do saber têm sido construídas a partir de rígidos instrumentos metodológicos e que são capazes de oferecer evidências que comprovam seus achados e corroboram suas premissas.

SAIBA MAIS: O artigo *A sinergia entre a agenda política de extrema direita e o negacionismo vacinal: rastreando a convergência entre as duas pautas*, de autoria de Ivy Judensnaider e Thaís Cyrino de Mello Forato, discute as relações entre as vertentes políticas de direita e o negacionismo vacinal, incluídas algumas reflexões sobre teorias conspiratórias, *fake news* e pseudociências.

Referência: JUDENSNAIDER, Ivy; DE MELLO FORATO, Thaís Cyrino. A sinergia entre a agenda política de extrema direita e o negacionismo vacinal: rastreando a convergência entre as duas pautas. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 46, n. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/69745>. Acesso em: 17 mar. 2025.

A demarcação entre o que é ou não é Ciência depende, fundamentalmente, do conceito de Ciência com o qual se trabalha, bem como do contexto do tempo e da cultura na qual os saberes estão imersos. Para os objetivos deste texto, porém, acredito que a escolha que se faz do que é Ciência – produto de pesquisas orientadas por procedimentos metodológicos e que têm como propósito a obtenção de evidências – embora restritiva e conservadora, permitirá que o avanço no desenvolvimento das competências necessárias para que trabalhos acadêmicos sejam realizados com qualidade e legitimidade.

SAIBA MAIS: Sugerimos que você assista a dois filmes nos quais as narrativas resgatam processos de investigação científica com propósitos diferentes. O primeiro filme é *O Óleo de Lorenzo*, um filme de 1992 baseado em uma história real, em que um casal busca a cura para uma doença que, segundo os médicos, levaria o filho deles à morte em dois anos. Eles conseguem identificar algumas explicações sobre o processo de doença e elaboram uma medicação capaz de retardá-lo.

O outro filme é *E a vida continua...*, de 1993, que resgata a história da descoberta do vírus da AIDS, doença que não se conhecia até aquele momento. A narrativa também inclui os conflitos entre o Dr. Robert Gallo e o Instituto Pasteur, que chegaram à identificação do vírus quase simultaneamente.

1.1. A monografia

Do ponto de vista prático, a monografia é um texto escrito a respeito de um tema específico. Em geral, as monografias podem ser exigidas:

- a) ao final de algumas disciplinas dos cursos de graduação ou de pós-graduação;
- b) ao final do semestre letivo, sob a forma de pesquisas interdisciplinares;
- c) ao final de trabalhos específicos de pesquisa, como é o caso das pesquisas de Iniciação Científica;
- d) ao final dos cursos de graduação de bacharelado, licenciatura ou formação tecnológica; nesses casos, elas recebem o nome de TCC (trabalho de conclusão de curso);
- e) ao final dos cursos de pós-graduação *lato sensu*, tais como MBA ou especialização;
- f) ao final de mestrados; nesses casos, elas recebem o nome de dissertação;
- g) ao final de doutorados; nesses casos, elas recebem o nome de teses.

As monografias costumam envolver o aprofundamento de um tema específico, sob a orientação de um professor. Em geral, exigem que seja feito um levantamento bibliográfico bastante minucioso e, com base na reflexão realizada sobre o conteúdo coletado, que seja estabelecido um diálogo intertextual entre as várias fontes consultadas. A depender da instituição de ensino, o estudante deve fazer a apresentação oral do trabalho, bem como responder à arguição de colegas ou de outros professores.

Para os fins propostos por este texto, optou-se por sugerir procedimentos tendo em vista a realização de relatórios de término de curso. Vale acrescentar que as regras gerais sobre a atividade de produção acadêmica mantêm-se nos demais casos, variando o grau de aprofundamento, alguns requisitos de originalidade e o tempo de duração.

2. O Projeto de Pesquisa

Em geral, independentemente do tipo de monografia a ser produzida, costuma-se exigir que seja elaborado um projeto antes de a pesquisa ter início. O Projeto de Pesquisa é um documento que explicita as intenções do pesquisador no que diz respeito às suas intenções em relação a uma futura pesquisa. Nele, apresentam-se a pergunta que o pesquisador pretende responder, a hipótese que conduzirá o trabalho de investigação, os pressupostos teóricos nos quais o pesquisador está apoiado, os instrumentos e métodos que serão utilizados e os resultados que o pesquisador imagina alcançar.

Pense na construção de um prédio. Você há de concordar que são necessários esclarecimentos a respeito daquilo que se pretende construir. No caso de edificações, em geral, essa “carta de intenções” é apresentada sob a forma de plantas descritivas e memoriais. Ocorre o mesmo com a pesquisa acadêmica: não basta que o pesquisador diga que irá realizar a pesquisa; ele precisa esclarecer todos os aspectos práticos e teóricos que estarão envolvidos no processo. Por conta disso, antes mesmo de se iniciar o processo de pesquisa propriamente dito, elabora-se um Projeto de Pesquisa.

Você, provavelmente, já deve estar se perguntando: mas, afinal, o que eu devo pesquisar? Sobre qual tema eu devo me debruçar? Com certeza, o momento de definir o tema que será objeto de investigação é de suma importância, mas ele é menos complexo do que os estudantes costumam achar. Excetuando-se os casos em que os temas são sugeridos ou impostos pela instituição ou pelos docentes, o estudante irá pesquisar um assunto de sua preferência. Claro está que, nas situações de trabalhos disciplinares ou interdisciplinares, o tema precisa estar relacionado aos assuntos que foram tratados pelo professor ou pela bibliografia utilizada no curso. Também parece razoavelmente óbvio que, em se tratando de TCC, o estudante irá investigar algo que foi objeto do seu estudo durante os anos de graduação.

Respeitadas as condições citadas, em geral, o estudante tem liberdade para escolher o tema que considerar relevante. E, se por um acaso ele estiver perdido em meio a inúmeras preferências, sugerimos alguns procedimentos que, com certeza, o ajudarão a tomar uma decisão em relação ao tema da pesquisa.

A primeira sugestão parecerá óbvia: dentre tudo o que se estudou na disciplina ou ao longo do curso, alguns tópicos podem ter despertado um maior interesse por parte do

estudante. Esse pode ser um sinal de que a pesquisa sobre tal assunto será gratificante e satisfatória. De forma contrária, temas que foram de difícil entendimento e/ou que geraram pouco interesse podem não ser os ideais para a realização de monografias ou TCC.

Há estudantes que escolhem como tema de pesquisa, intencionalmente, áreas, temas ou disciplinas com as quais eles tiveram uma dificuldade acima da média. Ao que parece, imagina-se que, dada a obrigação de produzir uma pesquisa em determinado tempo, investigar um assunto “difícil” pode ser uma boa oportunidade para resolver dúvidas ou ganhar autonomia naquele tema. Arrisco um palpite: talvez essa não seja uma boa ideia. As pesquisas costumam durar de um mês a um ano, e talvez valha a pena pensar se faz sentido complicar um processo que, por si só, já é bem complexo. Em outras palavras, pesquisar é um processo longo e trabalhoso; escolher um tema “difícil” e com o qual o estudante tem dificuldade poderá aumentar, e muito, a complexidade do processo. Em resumo, sugere-se uma escolha que não envolva sacrifícios além dos que já são esperados, tampouco exija do estudante muito mais tempo do que ele tem à disposição (quer dizer, sugere-se que o objeto de investigação seja claro e bem delimitado).

Outra sugestão é a busca nas bibliotecas físicas e digitais das instituições de ensino. Em geral, as bibliotecas guardam exemplares de trabalhos (às vezes, em repositórios) já realizados anteriormente por estudantes, e esses trabalhos podem sugerir temas ou “recortes” interessantes. Também vale a pena procurar as monografias que já foram produzidas e avaliadas nas plataformas das universidades, em especial as públicas.

Um exemplo: acessando o Repositório Institucional da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e digitando o tema "educação" no espaço reservado ao termo de busca, podem ser encontrados mais de dois mil relatórios de TCC produzidos entre 2021 e 2024 (disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Resultado/Listar?guid=1739216248286>; acesso em: 10 fev. 2025). A leitura dos títulos e dos resumos poderá ajudar o estudante a selecionar os trabalhos que ele considera mais interessantes. Ainda, a leitura dos trabalhos possibilita o contato com temas e abordagens que o estudante sequer imaginava serem possíveis.

OBSERVAÇÃO: Há dezenas de repositórios que podem servir de base para consulta. Outros exemplos são os da UnB (Universidade de Brasília), da UFBA (Universidade da Bahia) e da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Tal procedimento enseja uma pergunta: como garantir a originalidade da pesquisa se a busca é realizada a partir de trabalhos já feitos? Uma boa – ou má – notícia: não é esperada originalidade em trabalhos acadêmicos realizados em nível de graduação. Espantado? Decepcionado? Não é o caso, acredite. Pense no seguinte: em um mundo conectado pela internet, e no qual podemos acessar pesquisas feitas no mundo todo, qual é a chance de se encontrar um tema que *nunca* tenha sido investigado antes? Zero, provavelmente.

Então, se não é para avaliar a originalidade, por qual outro motivo um estudante deve realizar uma pesquisa ao final do semestre ou do curso? Os trabalhos acadêmicos são exigidos para que possam ser avaliadas as competências acadêmicas desenvolvidas pelos estudantes. Não é necessário ser original, mas é obrigatório ser capaz de elaborar um bom Projeto de Pesquisa e executá-lo de maneira adequada. É obrigatório que o estudante demonstre dominar as técnicas básicas de pesquisas bibliográficas e de redação de texto. É fundamental que o estudante seja capaz de formular um problema de pesquisa e testar uma hipótese de trabalho. Para que esses objetivos sejam alcançados, portanto, o estudante deve evitar cópias (do tipo “control C e V”), bem como “terceirizar” tarefas para aplicativos e ferramentas de Inteligência artificial.

Evidentemente, isso não significa que um estudante possa copiar ou reescrever um TCC que tenha sido consultado. Ele pode – e deve – aprofundar algum aspecto que outro estudante já pesquisou, ou adicionar novas referências bibliográficas, ou refutar alguma conclusão que foi tornada ultrapassada por outras pesquisas.

ATENÇÃO: O fato de não se exigir originalidade em trabalhos acadêmicos não significa que seja correto copiar ou reescrever um TCC já existente. Você terá a oportunidade de esclarecer algumas dúvidas sobre plágio e outras práticas acadêmicas ilícitas mais adiante.

Escolhido o tema, e para que tenha condições de escrever o Projeto de Pesquisa, o estudante deverá fazer uma pesquisa exploratória sobre o assunto a ser investigado. Essa etapa costuma gerar confusão: como assim? Pesquisar para poder pesquisar? A resposta é: sim. Pesquisar para poder pesquisar.

O Projeto de Pesquisa antecede a pesquisa, mas a sua elaboração exige pesquisa prévia, em especial para que o pesquisador possa formular a pergunta de pesquisa e a hipótese de trabalho, e para que possa adquirir alguma noção sobre o que já foi investigado sobre o tema.

2.1. A pesquisa exploratória

A pesquisa exploratória permite que o pesquisador formule perguntas relevantes. A pergunta de pesquisa é a questão que a pesquisa pretende responder; afinal, fazemos pesquisa para responder a perguntas que nos surgem ao observarmos a realidade. Por que tal coisa funciona desse jeito? Se tal coisa acontecer, outra também irá acontecer? Quais são os fatores que explicam o acontecimento de tal ou qual evento? Essas são as perguntas que, em geral, atizam a imaginação do pesquisador e que o estimulam a encontrar uma resposta satisfatória. A pergunta de pesquisa é exatamente isso: uma pergunta. É uma frase interrogativa que pergunta algo.

ATENÇÃO: A pergunta de pesquisa deve ser uma pergunta respondível! Por conta disso, não formulamos perguntas que não possam ser respondidas. Anteriormente, falamos da Ciência como conjunto organizado de conhecimentos construídos por meio da obtenção de evidências. Esta concepção de Ciência exige que as perguntas feitas possam ser respondidas de maneira clara e explícita. Vejamos: se um pesquisador perguntar a respeito de o mundo ter ou não sido criado por um ser superior divino, ele terá dificuldades tanto em responder positiva quanto negativamente. Como provar que o mundo foi criado por um ser superior? Claro, alguém pode dizer que a Bíblia prova a criação do mundo por Deus, mas, do ponto de vista da Ciência, esta não é uma evidência. Veja bem: a ausência de evidências impede que esta pergunta seja respondida no campo da Ciência; entretanto, não impede que ela seja respondida no campo da fé e das crenças. Como também já dissemos, há várias formas de conhecimento e de saber.

As perguntas precisam ser respondíveis e isso faz com que algumas questões sejam descartadas no campo da investigação científica. Por exemplo: caso alguém pergunte qual é a melhor forma de construir um viaduto, estaremos diante de uma pergunta que não tem como ser respondida. Para responder, é preciso saber: melhor em termos de quais critérios? Melhor segundo quem? O que significa uma forma melhor? Significa construir com menos custos, ou menos tempo, ou menos resíduos sólidos? Por outro lado, podemos perguntar o seguinte: considerando os métodos A e B, qual deles

permite maior economia de água na construção do prédio X? Essa é uma pergunta possível de ser respondida, bastando calcular o consumo de água em cada um dos métodos de construção.

Pelo que você já deve ter percebido, não é fácil elaborar uma pergunta. Portanto, para que o pesquisador possa ter clareza quanto à pergunta que a pesquisa irá responder, ele precisa ter mais do que um entendimento mínimo sobre o tema. Por conta disso, ele precisa fazer uma pesquisa previamente à elaboração do Projeto. Como fazer essa pesquisa prévia? A primeira sugestão é retornar aos relatórios de TCC que auxiliaram na escolha do tema. Se, para escolher o tema, foi suficiente ler apenas os resumos, sugere-se que agora essa pesquisa seja mais profunda, em especial com relação à bibliografia básica usada por todos que escreveram sobre o tema.

Outra sugestão é fazer uma pesquisa flutuante em alguma plataforma de artigos acadêmicos. Vamos exemplificar com aquela que é a mais conhecida: o *Google Acadêmico*. Acessando a plataforma, você pode escolher o tema de interesse, o intervalo de tempo da produção do artigo e o idioma, entre outros aspectos. Sugerimos que sejam feitas várias pesquisas usando palavras-chaves que têm relação com a pesquisa que o estudante quer produzir. O aspecto flutuante da leitura tem relação com o fato de que o estudante irá percorrer, com os olhos, os títulos, os resumos e as introduções, escolhendo, então, o material que ele acha relevante ler com mais cuidado.

O *Google Acadêmico* oferece algumas informações interessantes e que podem ajudar o estudante nessa pesquisa exploratória – e ela é exploratória justamente por ter o objetivo de “explorar” o tema ou o assunto que será o provável objeto de pesquisa. Na listagem dos artigos que surgem após a inserção de um termo de busca, pode-se ver, abaixo do título e de um resumo introdutório, a informação referente à quantidade de vezes que o artigo foi citado. Este pode ser um sinal interessante: afinal, quanto mais citado tiver sido um artigo, mais relevante ele foi considerado pelos pesquisadores. Também pode ser uma boa ideia analisar as referências dos artigos mais citados: estas foram as fontes dos artigos tidos como mais importantes. Outra sugestão que pode ser útil tem relação com o tipo de artigo a ser consultado. A pesquisa exploratória pode ser uma boa oportunidade para consultar artigos de revisão, aqueles que examinam textos publicados, indicando os aspectos que foram analisados e resumindo os principais achados a respeito do tema investigado.

Vale a pena esclarecermos alguns aspectos a respeito das fontes acadêmicas. As fontes acadêmicas são aquelas que passam por processos de avaliação antes da publicação: monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos publicados em revistas acadêmicas. Nos primeiros três casos, há bancas de professores que avaliam os trabalhos, referendando-os ou não. Em relação aos artigos acadêmicos

publicados em revistas acadêmicas, em geral, eles são objeto de avaliação por parte de pareceristas. Os pareceristas leem o texto com atenção, verificam as principais ideias e conclusões e avaliam a qualidade do referencial teórico. Portanto, são artigos avaliados por pesquisadores da mesma área, o que aumenta o grau de confiança que podemos ter no material.

ATENÇÃO: Há diferenças entre revistas acadêmicas e revistas de circulação de massa. As revistas que circulam podem até ter alguma informação relevante; no entanto, elas não servem como referência em trabalhos acadêmicos, e justamente em função de seus textos não passarem pelo processo de avaliação que os artigos acadêmicos passam. A sugestão é que, no caso de surgir algum dado importante publicado numa revista de circulação de massa, procure-se a fonte da informação para que ela possa, então, tornar-se uma referência adequada.

A realização da pesquisa exploratória não apenas auxilia o estudante na formulação da pergunta de pesquisa mas, também, na elaboração da hipótese de trabalho. O que é hipótese de trabalho? É uma resposta que o pesquisador considera que, provavelmente, responde à pergunta feita. Vejamos, por exemplo, um pesquisador que, interessado em descobrir fatores que explicam um melhor desempenho dos estudantes em exames de larga escala, elabora as seguintes perguntas e hipóteses:

Pergunta de pesquisa: quais os fatores sociodemográficos que mais se associam a desempenhos superiores em exames de larga escala?

Hipótese de trabalho: com base nos resultados divulgados do ENEM de 20xx, a renda familiar do estudante está associada a níveis de desempenho superiores em exames de larga escala.

Como você deve ter percebido, o pesquisador formulou uma pergunta que pode ser respondida. Dentre as possíveis respostas, ele escolheu uma, e essa será a sua hipótese de trabalho. Fica esclarecido, portanto, que ele fará uma pesquisa sobre a relação entre desempenho dos estudantes e aspectos sociodemográficos, e que ele acredita ser a renda

familiar o fator associado a desempenhos superiores. Não apenas a pergunta pode ser respondida, como a hipótese pode ser confirmada ou negada.

OBSERVAÇÃO: Dados de desempenho dos estudantes de exames de larga escala são disponibilizados pelo INEP. De forma geral, toda vez que o pesquisador for acessar dados estatísticos, ele deve atentar para as diretrizes da LGPD (Lei Geral de Proteção a Dados). Caso você tenha dúvidas sobre o assunto, sugiro consultar o texto da LGPD, disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm. Acesso em: 18 mar. 2025.

Vejamos outro exemplo. Um pesquisador quer investigar a relação entre o PIB (Produto Interno Bruto) de um município do Estado de São Paulo e o respectivo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) ao longo de dez anos. Assim, ele elabora a pergunta e a hipótese de trabalho da forma mostrada a seguir:

Pergunta de pesquisa: há correspondência entre o PIB e o IDH do município W no período de 20XX e 20YY?

Hipótese de trabalho: ao longo de dez anos, não se observa correspondência positiva entre o PIB e o IDH do município W. Ou seja, o aumento do PIB não implica o aumento do IDH.

O pesquisador formulou uma pergunta que pode ser respondida e uma hipótese de trabalho plausível. Para que ele possa responder à pergunta de pesquisa e confirmar ou não a hipótese formulada, bastará que ele aplique alguns testes estatísticos aos dados de PIB e de IDH do município W ao longo do período escolhido para análise.

Vejamos mais um exemplo. Um pesquisador quer testar se pessoas mais favoráveis à vacinação são as que apresentam atitudes menos conservadoras do ponto de vista político. Ele pode elaborar a pergunta de pesquisa e a hipótese de trabalho da forma mostrada a seguir:

Pergunta de pesquisa: há associação entre conservadorismo político e atitudes em relação à vacinação em adolescentes entre 15 a 25 anos na cidade de São Paulo?

Hipótese de trabalho: dentre os adolescentes entre 15 e 25 anos na cidade de São Paulo, quanto mais favoráveis à vacinação, menor a prevalência de conservadorismo político.

O pesquisador formulou uma pergunta passível de resposta e uma hipótese de trabalho testável. Para que ele possa responder à pergunta de pesquisa e confirmar ou não a hipótese formulada, ele poderá fazer uma entrevista com 200 adolescentes na cidade de São Paulo, na faixa etária indicada, e indagar sobre atitudes (des)favoráveis à vacina e atitudes mais conservadoras do ponto de vista político. Para medir conservadorismo político, por exemplo, ele pode tentar mensurar as atitudes dos entrevistados em relação a programas de transferência de renda e/ou sobre mudanças climáticas: quanto mais favoráveis aos programas de transferência de renda e quanto mais preocupados com as mudanças climáticas, menos conservadores do ponto de vista político. Por meio da pesquisa, ele pode refutar ou confirmar a hipótese que formulou.

OBSERVAÇÃO: As pesquisas com entrevistas para mensuração de atitudes exigem muita qualificação por parte do pesquisador. Não apenas é necessário conhecimento das diferentes escalas de mensuração de atitude, como também, competências para a análise estatística dos dados. Caso você esteja interessado no assunto, sugiro a leitura de *Psicometria: teoria dos testes na Psicologia e na Educação*, de autoria de Luiz Pasquali. Também sugiro a leitura de dois artigos que refletem sobre a prática de pesquisas quantitativas para mensuração de atitudes: Abordagem quantitativa de análise de dados de pesquisa: construção e validação de escala de atitude (Silva; Simon, 2005) e Validade em testes e questionários (Kleinke, 2017).

Outra questão importante diz respeito a pesquisas com seres vivos: quando a pesquisa pretende entrevistar seres humanos ou realizar experimentos com animais, é necessária a aprovação do Comitê de Ética da instituição de ensino *antes* do início da investigação.

Referências: PASQUALI, Luiz. **Psicometria:** teoria dos testes na Psicologia e na Educação. Petrópolis: Ed. Vozes, 5ª. edição, 2013.

SILVA, Dirceu da; SIMON, Fernanda Oliveira. Abordagem quantitativa de análise de dados de pesquisa: construção e validação de escala de atitude. **Cadernos Ceru**, São Paulo, v. 16, p. 11-27, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75338>. Acesso em: 12 out. 2024.

KLEINKE, Maurício Urban. Validade em testes e questionários (versão preliminar). In: **SNEF SIMPÓSIO NACIONAL DE FÍSICA**, 22. 2017, São Carlos, São Paulo, Anais [...]. São Carlos: online, 2017, [s.i.]. Disponível em: https://sites.ifi.unicamp.br/kleinke/files/2016/12/CO32_VALIDADE_EM_TESTES_E_QUESTIONARIOS.pdf. Acesso em: 02 set. 2020.

2.2. Os elementos de um Projeto de Pesquisa

O projeto de pesquisa é um documento que costuma ter, aproximadamente, quinze páginas. Somam-se a essas as páginas de capa, contracapa, sumário, referências bibliográficas e de outros anexos.

Dentre os elementos textuais, é comum que sejam exigidos:

- a) Introdução;
- b) Objetivos;
- c) Referencial Teórico;
- d) Metodologia;
- e) Justificativa;
- f) Resultados esperados;
- g) Cronograma de Atividades;
- h) Referências bibliográficas;

As recomendações a seguir não são, de forma alguma, regras rígidas. São sugestões, e a adoção ou não delas depende do que cada instituição de ensino exige dos estudantes em relação aos diversos trabalhos acadêmicos. Assim como há elementos que podem não ser incluídos, outros poderão ser adicionados. Vejamos, agora, o conteúdo de cada um deles.

2.2.1. Introdução

A Introdução de qualquer Projeto de Pesquisa deve ser simples e objetiva. Em geral, constitui-se de três grandes parágrafos nos quais são explicitados:

- i) a natureza do documento: deve-se iniciar o Projeto apresentando-o, em especial esclarecendo por quem ele foi solicitado e à título de qual requisito. Observe o exemplo a seguir.

Este texto apresenta proposta de Projeto de Pesquisa, conforme solicitado por XXXXXXXX, como requisito parcial para a aprovação no curso/disciplina XXXXXXXX.

- ii) o propósito da pesquisa: é necessário esclarecer o tema que será pesquisado, a pergunta que se pretende responder e a hipótese que norteará o trabalho de investigação. Veja o exemplo a seguir.

A pesquisa irá investigar a correspondência entre o hábito de atividades físicas e o aumento/a perda de massa muscular em idosos na cidade de São Paulo, entre 65 e 75 anos. A pergunta que se pretende responder será: a realização de atividades físicas sistemáticas está associada à perda ou ao aumento de massa muscular em idosos entre 65 e 75 anos na cidade de São Paulo?

A hipótese que norteará a investigação é a de que existe essa correspondência, ou seja, quanto mais frequentes forem as atividades físicas desenvolvidas por idosos, menor a perda de massa muscular.

iii) as informações que o leitor poderá encontrar ao longo do texto do Projeto. Veja o exemplo a seguir.

A seguir, apresentamos os objetivos do trabalho de investigação, o referencial teórico que apoia nossa pergunta de pesquisa e a hipótese de trabalho, a justificativa para a realização deste estudo, a metodologia que será utilizada para atingirmos nossos objetivos, os resultados que esperamos apresentar e outras informações pertinentes à realização do trabalho.

2.2.2. Objetivos

Os Objetivos da pesquisa referem-se a ações que serão realizadas para responder à pergunta de pesquisa e validar ou não a hipótese de trabalho. Em geral, os objetivos são descritos por meio de verbos. No caso dos exemplos que apresentamos anteriormente, eles poderiam ser os mostrados a seguir:

Serão objetivos do nosso trabalho:

- a) **Coletar e analisar** os estudos já realizados a respeito da correspondência entre a prática sistemática de exercícios e a prevalência de perda/ganho de massa muscular em idosos entre 65 e 75 anos;
- b) **Levantar dados históricos** sobre práticas de exercícios físicos e os índices de massa muscular dos indivíduos selecionados para a amostra no período de dois anos;
- c) **Realizar análise estatística** da correspondência entre hábitos de atividade física e índices de massa muscular dos indivíduos participantes da amostra.
- d) **Recomendar ações** para melhoria das condições de bem-estar de indivíduos idosos com base na realização sistemática de atividades físicas.

OBSERVAÇÃO: Algumas instituições solicitam que o pesquisador esclareça qual será o seu objetivo principal e quais serão os objetivos secundários. No caso do nosso exemplo anterior, a realização de análise estatística da relação entre hábitos de atividade física e índices de massa muscular dos indivíduos participantes da amostra poderia ser o objetivo principal, sob o pressuposto de o propósito da pesquisa ser o de formular recomendações sobre medidas de melhoria das condições de bem-estar de indivíduos idosos. Os demais itens poderiam ser arrolados como objetivos secundários.

2.2.3. Referencial teórico

O referencial teórico do Projeto de Pesquisa diz respeito à reflexão sobre as teorias que servirão de base para a investigação e, também, ao levantamento bibliográfico sobre o tema em função de estudos anteriores e, principalmente, de resultados obtidos em investigações já realizadas.

OBSERVAÇÃO: Como já dissemos, a Ciência se desenvolve a partir da obtenção de evidências empíricas que dão suporte a teorias. Portanto, o referencial teórico apresenta essas evidências e teorias, validando tanto a pergunta de pesquisa quanto a hipótese de trabalho.

O referencial teórico deverá informar: quais as teorias que podem explicar os resultados que serão identificados ou que justificam a pergunta formulada? Quem já investigou o tema antes? Quais foram os principais achados? O que as pesquisas anteriores indicam a respeito da associação entre as variáveis que pretendemos estabelecer? O que há de evidência a respeito da associação entre as variáveis? Há resultados distintos em função de diferentes amostras em diferentes regiões do país ou em diferentes países?

Como é possível observar, o referencial teórico mostra não apenas o quanto o pesquisador entende sobre o assunto, mas o quão importante é a investigação que será realizada e o quão referenciada teoricamente ela estará. É uma parte fundamental do

Projeto de Pesquisa: de certa forma, ela indica a validade e a legitimidade da investigação, já que qualquer leitor poderá compreender a realização da pesquisa dentro do contexto mais amplo dos estudos já realizados sobre o tema.

Quais os materiais que são utilizados como base para a elaboração do referencial teórico? Em geral, são artigos acadêmicos que, por sua vez, costumam fazer referência à bibliografia tida como mais relevante já utilizada por outros pesquisadores. É importante salientar que o pesquisador deverá nomear os principais autores utilizados como referência, bem como as teorias a partir das quais os dados obtidos serão analisados.

OBSERVAÇÃO: Os procedimentos para a elaboração do referencial teórico são os mesmos sobre os quais falamos quando da escolha do tema e da formulação do problema de pesquisa. A diferença está na profundidade da análise e da reflexão sobre esse material lido: anteriormente, havia sido suficiente uma leitura flutuante para a escolha de referências bibliográficas pertinentes; agora, essa leitura deve ser mais seletiva e reflexiva. Tal procedimento é da maior importância, já que bons referenciais teóricos qualificam a análise dos resultados e a pesquisa propriamente dita. Mais adiante, irei sugerir alguns procedimentos para a elaboração do texto de referencial teórico.

2.2.4. Metodologia

Há várias metodologias disponíveis para os mais diversos tipos de pesquisa. Em geral, no que diz respeito aos objetivos, as pesquisas podem ser dos tipos a seguir:

a) exploratórias: quando não se conhece o assunto com profundidade e se deseja ampliar o conhecimento a respeito do tema/problema da investigação;

b) descritiva: quando se pretende descrever algum grupo ou alguma situação e já se tem muita informação a respeito das variáveis do estudo e das relações entre elas;

c) explicativa: quando se objetiva identificar as variáveis que determinam a ocorrência de certos fenômenos, bem como a relação de causalidade entre elas.

No que diz respeito à abordagem, as pesquisas podem ser qualitativas ou quantitativas. Como o nome mesmo diz, as quantitativas buscam quantificar/mensurar os

fenômenos; em contrapartida, as qualitativas buscam investigar as variáveis em termos de suas características, seus comportamentos e algumas de suas interrelações.

Em relação aos procedimentos, as pesquisas podem ser do tipo "gabinete", no qual são analisados dados já existentes, tais como bibliografia produzida e dados estatísticos secundários; e pesquisas de campo, nas quais o pesquisador entra em contato com o grupo de interesse e coleta dados de primeira mão, por exemplo, por meio de entrevistas.

Dessa forma, parece claro que a seção referente à metodologia a ser utilizada dependerá das características e dos objetivos da pesquisa. Nesse sentido, o pesquisador irá mostrar os procedimentos que serão realizados para que os seus propósitos possam ser atingidos. Por isso, é importante que o pesquisador retome os objetivos que foram explicitados e mostre, um a um, como eles serão alcançados. De acordo com o nosso exemplo, o item sobre metodologia poderia conter as informações a seguir.

Serão adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

a) em uma primeira etapa, será realizada pesquisa bibliográfica a respeito de investigações conduzidas nos últimos cinco anos, no Brasil e no restante do mundo, a respeito de possíveis associações entre realização de atividade física e ganho/perda de massa muscular em idosos entre 65 e 75 anos. As referências serão localizadas nas plataformas de artigos acadêmicos, por meio da busca dos termos “bem-estar idosos”, “idosos atividades físicas”, “idosos massa muscular”. Nessa primeira fase, os resultados serão apresentados sob a forma de textos e de tabelas, contendo os nomes dos autores, um resumo das pesquisas realizadas, as variáveis de investigação e os resultados encontrados;

b) posteriormente, será selecionada uma amostra de idosos a partir de informações junto a unidades de UBS do Sistema SUS na cidade de São Paulo. Essa amostra incluirá indivíduos que realizam ou não atividades físicas com frequência, e que estejam sendo atendidos nas UBS por, pelo menos, cinco anos. Os participantes da amostra serão convidados a participar da pesquisa mediante protocolos estabelecidos pelo Comitê de Ética da instituição. Os dados históricos sobre atividades físicas e massa muscular serão categorizados e submetidos à análise estatística;

c) serão calculadas medidas de correlação entre as variáveis e, caso haja possibilidade, serão elaboradas regressões lineares e múltiplas para testar causalidade. Poderão ser utilizadas, também, variáveis socioeconômicas para identificar perfis diferenciados, bem como outros fatores que podem estar associados à perda ou ao ganho de massa muscular. A análise dos dados obtidos permitirá recomendar ações para a melhoria das condições de bem-estar de indivíduos idosos com base na realização sistemática de atividades físicas.

Finalmente, voltamos a mencionar: qualquer pesquisador deverá estar ciente das condições exigidas pelo Comitê de Ética da instituição de ensino/pesquisa. Em geral, a busca pelo aval do Comitê de Ética ocorre depois de aprovado o Projeto.

SAIBA MAIS: Caso você queira conhecer melhor as técnicas de pesquisa existentes, sugerimos que consulte o livro “Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada”, de Naresh K. Malhotra. Embora seja um livro dedicado à pesquisa aplicada em Marketing, o autor explica com detalhes cada uma das técnicas disponíveis, tanto para investigações exploratórias, descritivas, explicativas, qualitativas, quantitativas, de gabinete e de campo.

Referência: MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing:** uma orientação aplicada. Bookman Editora, 2019.

Para entender melhor os procedimentos relativos aos aspectos éticos do trabalho de pesquisa, sugerimos a consulta à Plataforma Brasil, disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/sobre-o-conselho/camaras-tecnicas-e-comissoes/conep/plataforma-brasil>. Acesso em: 28 fev. 2025.

2.2.5. Justificativa

A justificativa envolve a explicação do motivo de o tema da pesquisa, ou o problema de pesquisa, serem relevantes. Por qual motivo, diante de uma infinidade de assuntos a serem pesquisados, aquele proposto é merecedor de uma atenção especial?

Quais contribuições são esperadas da realização da pesquisa? O problema é importante apenas do ponto de vista histórico ou ele também se refere a um problema atual? De que forma, atualmente, a resposta à pesquisa pode contribuir para o desenvolvimento do conhecimento na área? As respostas a essas perguntas indicarão o grau de relevância da pesquisa que está sendo proposta.

2.2.6. Resultados esperados

Neste item, o pesquisador irá apresentar quais os resultados que o trabalho dele irá alcançar. No caso do nosso exemplo, o pesquisador poderá apresentar os seguintes resultados esperados:

Com esta pesquisa, esperamos:

- a) Obter resultados estatísticos que mostrem a relação entre hábitos de exercícios físicos e índices de massa corporal de idosos de 65 a 75 anos na cidade de São Paulo.
- b) Realizar análise comparativa entre os resultados estatísticos e outros já obtidos em pesquisas anteriores.
- c) Elencar ações a serem sugeridas com o objetivo de melhorar o bem-estar dos idosos, em particular com relação à manutenção de índices adequados de massa corporal.
- d) Identificar lacunas no conhecimento a respeito das relações entre atividade física dos idosos e índices de massa corporal para futuros desenvolvimentos de novas pesquisas.

2.2.7. Cronograma de atividades

O Cronograma apresenta de que forma as atividades serão desenvolvidas ao longo do tempo, dentro do prazo disponível. Em geral, o pesquisador elabora uma tabela em que as colunas correspondem às semanas ou aos meses disponíveis, e as linhas mostram as atividades que serão realizadas naquele período de tempo. O pesquisador deve levar em conta o tempo que, pessoalmente, tem disponível, bem como o prazo máximo para a realização do trabalho.

OBSERVAÇÃO: Há vários aplicativos gratuitos disponíveis para a elaboração de cronogramas de atividades. Sugerimos que você consulte as possibilidades oferecidas pelo *Google Agenda*, pelo *Canva* e pelo *Time Planner*.

2.2.8. Referências bibliográficas

As referências bibliográficas contêm as informações de todas as fontes citadas ao longo do texto. Assim, incluem artigos acadêmicos, livros, teses e dissertações, bancos de dados e plataformas/repositórios de instituições de ensino ou pesquisa. É importante notar que há diferença entre uma referência bibliográfica e a bibliografia propriamente dita: a primeira é constituída apenas das obras citadas na pesquisa; em contrapartida, a segunda reúne todas as fontes consultadas, mesmo que não citadas.

As fontes bibliográficas devem ser apresentadas segundo as normas adotadas pela instituição. Em geral, são exigidas as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), específicas para cada tipo de fonte.

SAIBA MAIS: Caso a instituição exija a adoção das normas da ABNT, sugerimos que o pesquisador faça uso da plataforma do MORE, da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). A plataforma, gratuita, solicita informações para que possa elaborar a referência da fonte conforme as normas da ABNT. Assim, o maior cuidado do pesquisador deve ser no momento de escolher que tipo de fonte ele quer referenciar, se livro, artigo, vídeo ou *site* da internet.

2.3. A qualificação do Projeto de Pesquisa

Algumas instituições de ensino incluem a qualificação do Projeto de Pesquisa como uma das etapas de avaliação. A qualificação do Projeto de Pesquisa é o momento em que o pesquisador irá apresentar para professores ou colegas o que está pretendendo fazer, como está pretendendo pesquisar e quais resultados serão alcançados. Em outras palavras, a qualificação tem os propósitos de autorizar que o pesquisador desenvolva a

pesquisa nos termos que está sugerindo e de auxiliá-lo com sugestões de bibliografia ou de abordagens.

Em geral, o pesquisador tem disponíveis 10 minutos para apresentar o Projeto. Cada professor responsável pela arguição costuma dispor de 10 minutos para realizar perguntas e avaliar as respostas. Disso resulta que a objetividade e a capacidade de síntese do pesquisador são as chaves para uma boa qualificação.

Minha sugestão é que a apresentação do estudante aconteça com base nas informações mais relevantes. Assim, o pesquisador deverá informar:

- a) o tema da pesquisa;
- b) a pergunta que se pretende responder;
- c) a hipótese que norteará o trabalho de investigação;
- d) a metodologia que será adotada;
- e) os principais autores que servirão como referencial teórico.
- f) os resultados que se pretende alcançar.

Se for autorizado o uso de apresentações visuais, o pesquisador poderá preparar algo por meio de um aplicativo do tipo *PowerPoint*, tomando o cuidado, apenas, de utilizar *templates* adequados e de não expor telas com textos imensos que, certamente, não serão lidos por ninguém. Aliás, recomenda-se um número bem reduzido de telas (10, no máximo).

Vale uma observação: em especial no caso de um TCC, a qualificação do Projeto de Pesquisa é a ocasião perfeita para tirar dúvidas, escutar sugestões e refletir sobre possíveis futuras dificuldades. Portanto, aproveite a oportunidade para dialogar com as pessoas que estiverem questionando o trabalho!

Há muitos estudantes que receiam apresentações em público. Minha sugestão é que você transforme fraqueza em força. Fale e apresente sempre que possível. Exponha-se. Analise os motivos e as origens de sua timidez, e procure resolver internamente o que alimenta essa sensação de vulnerabilidade. Prepare-se para a apresentação: quanto mais preparado você estiver, mais seguro irá se sentir. Transmita sinceridade. Olhe para a plateia e mova-se em direção a ela. Demonstre interesse. Faça ensaios e procure identificar as perguntas que poderão ser feitas pelos arguidores.

Falar em público é buscar influenciar pessoas e conquistar eficácia comunicativa. Para isso, precisamos organizar nossas ideias e apresentá-las de forma organizada. Ainda, temos que usar recursos corporais para nos comunicar com a plateia, tais como voz, postura corporal, movimentação das mãos etc.

Para que nos comuniquemos de forma eficaz, algumas sugestões costumam trazer bons resultados: adequar o volume de voz ao ambiente; utilizar um tom de voz agradável ao ouvido; inspirar-se nas reações da própria plateia e, caso necessário, mudar os rumos de uma apresentação; transmitir entusiasmo (evitar apresentações frias e desinteressadas); procurar ser sintético; procurar respirar de forma tranquila e dosar a velocidade da apresentação; utilizar um vocabulário adequado à plateia; e adotar uma postura de naturalidade, não agressiva.

OBSERVAÇÃO: É importante salientar que os procedimentos de qualificação de Projetos de Pesquisa de mestrados ou doutorados são mais complexos, tanto em termos do número de professores que participam do processo, quando em relação às exigências em termos de adequação do referencial teórico.

Ainda, nos casos de mestrados e doutorados, é realizada mais uma qualificação: depois do projeto aprovado e após alguns meses de trabalho, o pesquisador deverá apresentar o que avançou até aquele momento. Essa qualificação serve para que o estudante possa ser avaliado em termos dos caminhos que estão sendo percorridos.

3. O Relatório de Pesquisa: a monografia

O Relatório de Pesquisa é a monografia propriamente dita. No caso de trabalhos de final de curso, a monografia costuma ter de cinquenta a setenta páginas. Em geral, recomenda-se que o texto seja dividido em cinco seções: Introdução, Capítulos 1 a 3, e Conclusões/Considerações Finais.

- a) **Introdução:** neste primeiro momento, o pesquisador irá apresentar a pesquisa que foi feita. Para tanto, sugere-se que ele retome o Projeto de Pesquisa e o utilize, quase na totalidade, como texto introdutório. Afinal, o Projeto reúne as principais ideias, teorias e estratégias que foram adotadas para realizar a investigação. Assim, o pesquisador poderá excluir alguns itens muito específicos do Projeto (por exemplo, o Cronograma de Atividades) e utilizar todo o restante do texto para introduzir o relatório. Claro está que ele poderá fazer algumas modificações em função do que se encontrou de obstáculo durante a pesquisa ou do que sofreu alguma mudança ao longo do trajeto. Ainda, é provável que ele tenha que mudar o tempo verbal do texto do Projeto: afinal, o que antes seria feito no futuro, agora já é passado, já foi feito. Para clarificar melhor esse procedimento, vamos retomar um dos exemplos já utilizados anteriormente.

Este texto apresenta o Relatório de Pesquisa, conforme solicitado por XXXXXXX, como requisito parcial para a aprovação no curso/disciplina XXXXXXX.

A pesquisa investigou a correspondência entre o hábito de atividades físicas e o aumento/a perda de massa muscular em idosos na cidade de São Paulo, entre 65 e 75 anos. A pergunta que se pretendeu responder foi: a realização de atividades físicas sistemáticas está associada à perda ou ao aumento de massa muscular em idosos entre 65 e 75 anos na cidade de São Paulo?

A hipótese que norteou a investigação foi a de que existe essa correspondência, ou seja, quanto mais frequentes forem as atividades físicas desenvolvidas por idosos, menor a perda de massa muscular.

Foram objetivos do nosso trabalho:

- i) coletar e analisar os estudos já realizados a respeito da correspondência entre a prática sistemática de exercícios e a prevalência de perda/ganho de massa muscular em idosos entre 65 e 75 anos;
- ii) levantar dados históricos sobre práticas de exercícios físicos e os índices de massa muscular dos indivíduos selecionados para a amostra no período de dois anos;
- iii) realizar análise estatística da correspondência entre hábitos de atividade física e índices de massa muscular dos indivíduos participantes da amostra;
- iv) recomendar ações para melhoria das condições de bem-estar de indivíduos idosos com base na realização sistemática de atividades físicas.

Como você pode notar, utilizei o mesmo texto do Projeto, apenas mudando o tempo verbal: o que seria feito já foi feito, e o Relatório apresenta todos os resultados depois de realizada a investigação. A Introdução do relatório também deve apresentar, de forma resumida, os procedimentos metodológicos, a justificativa, os resultados que eram esperados e as principais referências teóricas. Finalmente, o pesquisador deverá apresentar, de forma resumida, quais serão os conteúdos dos capítulos seguintes.

- b) Capítulo 1: o primeiro capítulo irá apresentar todo o referencial teórico que foi, de forma sumária, apresentado na Introdução. Ele trará as teorias, ideias, resultados de pesquisas anteriores, em suma, tudo que apoiou o pesquisador na sua jornada de investigação, constituindo-se a espinha dorsal da investigação;
- c) Capítulo 2: o segundo capítulo trará os dados coletados, sejam eles primários (obtidos por meio de entrevistas) ou secundários (estatísticos). Quando incluído um gráfico ou uma tabela, as informações devem ser apresentadas e descritas, não sendo suficiente apenas “jogar” os dados no texto. O estudante precisa tomar cuidado de apresentar as informações ao leitor de forma amigável, não esperando que quaisquer cálculos sejam feitos “mentalmente” por quem está lendo o relatório;

- d) Capítulo 3: o capítulo trará a análise dos dados apresentados na seção anterior, sob a ótica do referencial teórico já explicitado no Capítulo 1. Em outras palavras, o investigador irá analisar os dados que encontrou à luz das teorias que já foram utilizadas para explicar fenômenos semelhantes, comparando as informações obtidas com aquelas que outros pesquisadores identificaram;
- e) Conclusões/Recomendações Finais: neste momento, o pesquisador irá resumir os principais resultados apresentados nos capítulos anteriores e retomar a pergunta de pesquisa e a hipótese de trabalho. A pergunta da pesquisa foi respondida? A hipótese de trabalho contemplou a resposta que se imaginava mais provável? O que ficou pendente em termos de resposta à pergunta feita e o que a realidade mostrou ser diferente do que se imaginava como resultado? Ainda, o pesquisador deverá acrescentar duas informações importantes: i) quais foram as dificuldades e os obstáculos encontrados durante a realização do trabalho; ii) que desenvolvimentos e quais as novas pesquisas podem dar continuidade ao que foi pesquisado. Este procedimento mostrará que, embora durante a pesquisa tenham sido observadas nuances que não cabem no trabalho, futuras investigações poderão estudá-las.

Algumas outras sugestões podem facilitar o trabalho de escrever o Relatório de Pesquisa. Por exemplo, sugere-se que, no início de cada capítulo, o pesquisador informe qual será o conteúdo apresentado a seguir. Ao final do capítulo, ele poderá resumir as informações trazidas pela seção e informar qual o conteúdo que o capítulo seguinte trará. Embora possa parecer um procedimento redundante e prolixo, essa estratégia ajuda o leitor a lembrar o que foi lido e o que será lido em seguida. Finalmente, recomendamos que, caso o pesquisador resolva dividir cada capítulo em subseções, que se tome o cuidado de não fragmentar demasiadamente o texto.

OBSERVAÇÃO: A apresentação do Relatório de Pesquisa costuma ser uma etapa da avaliação do estudante, em especial no caso de trabalhos de conclusão de curso. Caso a instituição promova a apresentação oral, o estudante deve considerar o que já foi discutido quando falamos, anteriormente, sobre a qualificação do Projeto.

4. A escrita do texto acadêmico: algumas sugestões

Há quem pense que a escrita do texto acadêmico depende, fundamentalmente, de talento e de inspiração. Não é minha intenção afirmar que tanto o talento quanto a inspiração não são importantes para a redação. Ambos são condições necessárias, claro, mas não são suficientes.

A escrita acadêmica, de forma distinta da escrita poética ou ficcional, ela precisa obedecer às regras mais rígidas e deve resultar em textos objetivos, claros, sem ambiguidade, fáceis de serem compreendidos e capazes de estimular a reflexão e o diálogo entre os mais diferentes pesquisadores. Na verdade, a escrita acadêmica exige treino, resiliência e organização.

A escrita acadêmica exige treino, pois é uma atividade que requer qualificação, e o desenvolvimento de competências envolve práticas sistemáticas. Escrever inclui, também, atividades quase mecânicas: ler, selecionar o que for relevante, resumir e comentar. Espera-se que o pesquisador faça isso não somente uma dúzia de vezes: ao longo da sua carreira, é provável que ele faça isso um milhar de vezes. Espera-se, em resumo, que ele melhore as competências ao longo do tempo.

A escrita acadêmica exige resiliência por parte do pesquisador pois as tentações para desistir são muitas. Especialmente nos dias de hoje, há muitos recursos (lícitos e ilícitos) que um estudante pode utilizar para evitar o esforço de escrever. Caso alguém esteja pensando em utilizar qualquer um desses recursos, vale uma observação: não há aventura maior do que ampliar nosso conhecimento a respeito do mundo que nos cerca. Não há aventura mais fantástica do que transmitir aos outros as nossas impressões individuais sobre os descobrimentos feitos. Abrir mão disso significa declinar daquilo que possibilitou à espécie humana alcançar as profundezas do mar e a amplidão do espaço, a descobrir e curar doenças.

A escrita acadêmica exige organização do pesquisador. Deve-se cuidar da organização de tempo, de ideias, de arquivos e de material de consulta. Por conta disso, até mesmo os arquivos virtuais devem ser nomeados de forma a identificar exatamente o assunto ao qual eles se referem; os diretórios abertos no computador devem auxiliar o

pesquisador na busca e no resgate de artigos já lidos; cópias virtuais devem ser guardadas, nas “nuvens” ou em endereços de e-mail.

Finalmente, algumas recomendações são necessárias: é desejável que o pesquisador tenha fluência no idioma em que estará escrevendo, e que seja capaz de dominar os requisitos linguísticos básicos. Mas, até mesmo isso pode ser treinado, e lacunas em qualquer formação podem ser preenchidas com muita leitura e sucessivas tentativas de escrita. Para escrever bem, é preciso ler muito. Quanto maior o nosso repertório linguístico e estilístico, melhor será nossa escrita. Por isso, a leitura de artigos acadêmicos deve ter um duplo objetivo: acessar o conteúdo que está sendo apresentado e entrar em contato com diferentes formas de escrita e de redação argumentativa.

SAIBA MAIS: Sugiro, fortemente, que você esteja sempre interessado em aprimorar os conhecimentos em gramática. Nesse sentido, recomendo a leitura e o estudo de “Gramática com frases do dia a dia”, de Christiane Mazur Doi.

Referência: DOI, Christiane Mazur. Gramática com frases do dia a dia. 1ª ed. - São Paulo: Ed. da Autora, 2024, PDF. , Disponível em: https://chrismazur16.wordpress.com/wp-content/uploads/2025/03/gramatica_com_frases_do_dia_a_dia_atualizado_19_03_25.pdf. Acesso em: 30 abr. 2025.

Há como tornar mais agradável e fácil o ato de escrever. Daqui para a frente, darei algumas sugestões que podem auxiliar o enfrentamento, de forma prática, das dificuldades e dos temores que costumam cercar o trabalho da escrita.

SAIBA MAIS: Estas recomendações a seguir foram inspiradas, em grande parte, pela leitura sobre as técnicas de análise de conteúdo, muito comuns em pesquisas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais. As técnicas envolvem, basicamente, a leitura de material textual, a identificação de elementos semelhantes e diferentes e a criação de categorias nas quais esses elementos podem ser organizados. Caso você esteja interessado em saber mais sobre o tema, sugiro a leitura de *Análise de Conteúdo*, de L. Bardin.

Referência: BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.

4.1. A leitura e a seleção de conteúdo

Suponha que você tenha lido os resumos de meia centena de artigos e, destes, tenha escolhido dez como os mais relevantes e apropriados para a pesquisa que está sendo realizada. Se imaginarmos que cada artigo costuma ter, em média, vinte páginas, você terá em mãos mais que duzentas páginas de texto para ler e de conteúdo para organizar mentalmente.

A primeira sugestão, portanto, é a de reduzir esse volume de material. Como isso pode ser feito? Sugiro que cada um desses dez artigos seja lido por duas vezes: numa primeira, você irá “iluminar” (ou destacar) os trechos que achar mais importantes; numa segunda, você irá copiar esses trechos e colá-los num arquivo em *Word*.

A título de exemplo, demos uma busca no *Google Acadêmico* com as palavras “desindustrialização” “Brasil”. O primeiro artigo selecionado foi escrito por Wilson Cano, e encontrado na *Revista Economia e Sociedade*. Na segunda leitura, copiamos os trechos escolhidos anteriormente, que foram transferidos para um arquivo de texto, tal como mostramos a seguir.

CANO, Wilson. A desindustrialização no Brasil. *Economia e sociedade*, v. 21, p. 831-851, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/n6w4hPXK6zwZ3YJYtmQGjLJ/>. Acesso em: 09 mar. 2025.

O texto analisa a desindustrialização em marcha no Brasil e alguns dos impasses da política macroeconômica. A industrialização atingida nas décadas anteriores deteriorou-se face à ausência de políticas industriais e de desenvolvimento e da conjugação de juros elevados, falta de investimento, câmbio sobrevalorizado e exagerada abertura comercial. (Cano, 2012, p. 831).

Desenvolvimento é o resultado de um longo processo de crescimento econômico, com elevado aumento da produtividade média, sem o qual o excedente não cresce o bastante para acelerar a taxa de investimento e diversificar a estrutura produtiva e do emprego. Esse processo intensifica a industrialização e urbanização para transformar de maneira progressista as estruturas sociais e políticas do país. Ademais, também se alterarão e modernizarão hábitos e costumes da sociedade (Cano, 2012, p. 832).

A industrialização tem de avançar e crescer mais que os outros setores, aumentar a produtividade, alterar sua estrutura – no sentido de implantar os compartimentos de bens de capital e intermediários, contribuindo, assim, para a diversificação da pauta exportadora e, se possível, para a melhoria das contas externas. Não há, na história, país algum que se desenvolveu, prescindindo de uma generalizada industrialização e de um forte e ativo papel do Estado Nacional. (Cano, 2012, p. 832).

Uma das causas principais tem sido a política cambial prevalecente, instaurada a partir do Plano Real. Com as reformas liberalizantes e a política de estabilização, o câmbio excessivamente valorizado cumpre, até hoje, o papel de âncora dos preços, no que recebe o devido apoio “logístico” da prática de juros reais absurdamente altos e da âncora fiscal. Isso produz parte do pagamento dos juros da dívida pública, resultado da insana trilogia foi a crescente perda de competitividade internacional da indústria nacional perante outros países. (Cano, 2012, p. 834)

Cobertos os déficits ao longo desses anos todos, depois de 1999, não houve mais crise cambial e ainda houve o acúmulo de US\$ 350 bilhões de reservas internacionais. Vários analistas olham esses números e afirmam que a vulnerabilidade externa do país acabou. Os US\$ 350 bilhões de reservas internacionais, no entanto, custam muito caro para todos, pois estão aplicados basicamente em títulos do governo norte-americano cuja taxa de juros é próxima a zero. O governo, porém, para acumular essa reserva tem de emitir títulos da dívida pública, aos quais pagam juros que até 2011 chegavam a aproximadamente 11% anuais e equivaliam a cerca de 5% do PIB, em uma grande sangria da receita e do gasto públicos (Cano, 2012, p. 845).

Dois detalhes merecem explicações. Você poderá ver, no topo da página, a referência do artigo selecionado segundo as normas da ABNT. Essa referência costuma estar disponível no próprio *Google Acadêmico*, logo após o resumo do texto. Se você “clique” nas aspas, um *pop-up* irá sugerir formas de referenciar de acordo com três diferentes normas.

Essa informação é importante, pois ela identifica o autor do texto e a fonte consultada, segundo as normas específicas para referenciar artigo de revista acadêmica. Note que tomamos o cuidado, na página em *Word*, de colocar que o artigo estava disponível num certo *link*, e numa certa data. É recomendável adicionar essa informação, já que há sempre o risco de, por algum motivo qualquer, o artigo não estar mais disponível em momento futuro. Assim, informando a data de acesso, você poderá utilizá-lo mesmo que ele já tenha sido deletado.

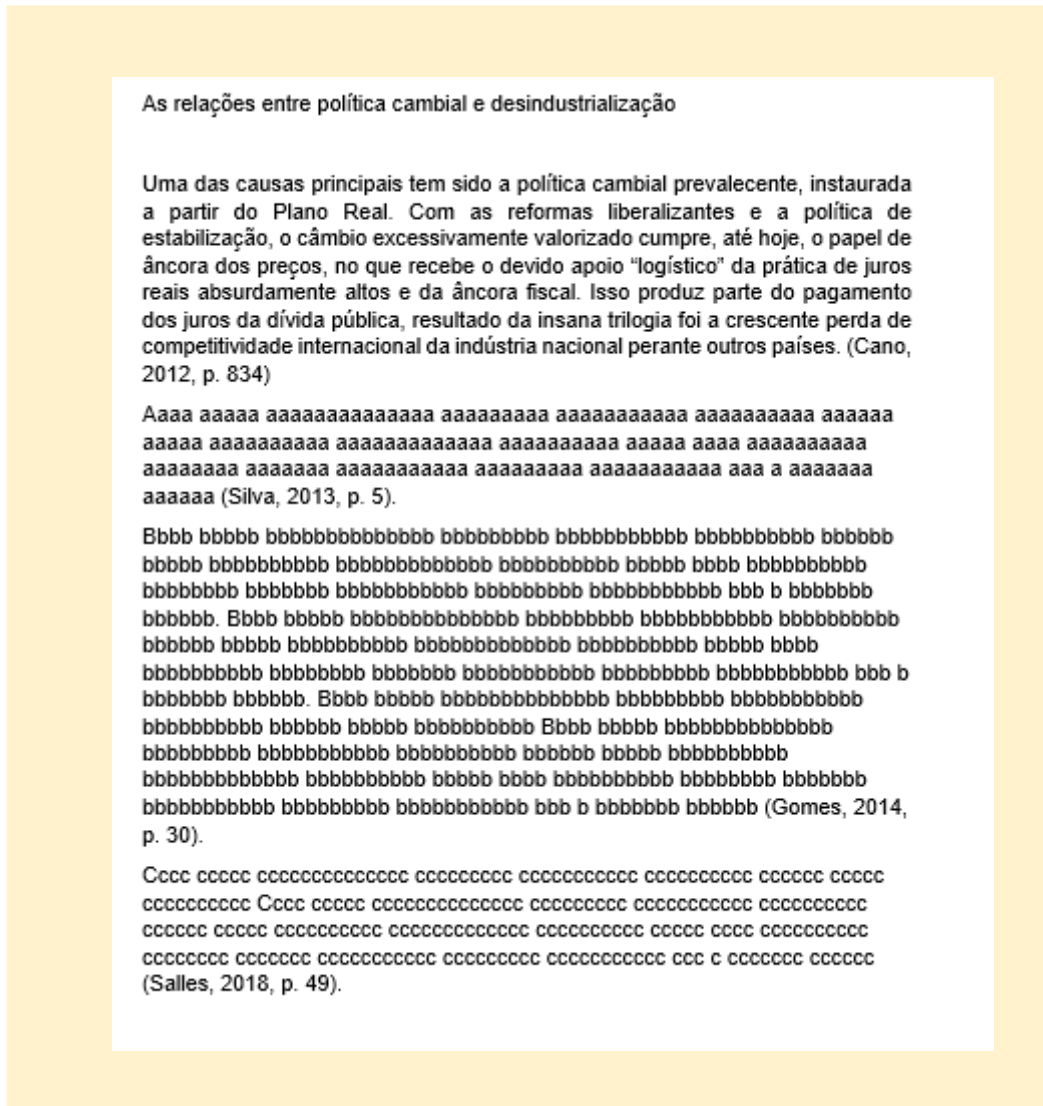
Outra informação importante é a referência do trecho selecionado. Ela está disponível entre parênteses e inclui três dados: o sobrenome do autor, o ano da publicação da revista e o número da página da qual o trecho que você selecionou foi extraído. Por exemplo, selecionamos um trecho do artigo do professor Cano e a referência do trecho é (Cano, 2012, p. 832). Atenção: não se trata da página do arquivo em “pdf”, mas da revista na qual o artigo foi publicado. Em geral, este número pode ser encontrado no canto inferior do texto. Mais adiante você entenderá o motivo de colocar sempre o número da página ao lado do trecho que foi copiado.

Você irá repetir esse procedimento com todos os artigos que separou. Ao final do trabalho, você terá uma série de arquivos em *Word*, cada um referente a um artigo que foi lido. Apenas para que você possa fazer um rápido cálculo: caso você apenas guardasse os artigos originais, teria, aproximadamente, umas oitenta páginas de texto. Agindo como o que sugeri, você irá trabalhar com um volume bem menor de material. Aliás, mais uma sugestão: dê os mesmos nomes para ambos os arquivos de cada artigo, o que está em “pdf” e o que está em *Word*. Isto ajudará caso você necessite procurar mais alguma coisa no artigo original.

O próximo passo é listar os principais temas que surgiram durante a leitura dos artigos. Por exemplo, em cada texto há uma definição para “desindustrialização”. Outro exemplo: em um texto há comentários sobre o papel do comércio internacional com a China como um fator agravante do processo de desindustrialização; comentário diferente, mas sobre o mesmo tema surgiu no terceiro texto. Os autores também fazem menção à participação da política cambial no processo de desindustrialização. Nesse caso, já temos três temas: conceitos; China; política cambial.

Depois de listar os temas (que se tornaram categorias de conteúdo), você irá abrir outros arquivos em *Word*, dessa vez um para cada uma das categorias (ou temas). Para o

nosso contexto, vamos usar como exemplos o texto do professor Cano (2012) e três outros textos, fictícios, de autores também fictícios (Silva, 2013; Gomes, 2014; Salles, 2018). Para exemplificar, simulamos ter reunido todos os trechos que falam sobre a influência da política cambial no processo de desindustrialização. Veja na figura abaixo que selecionamos os (supostos) trechos referentes à política cambial e reunimos todos numa mesma página, cada um com a sua referência, ano e página.



Outra forma de organizar os conteúdos, e desenvolver os textos segundo uma ordem lógica, é dividi-los em função dos capítulos que serão desenvolvidos no Relatório de Pesquisa. Você poderá, inclusive, alocá-los em pastas de acordo com o que está previsto para cada capítulo. De qualquer forma, o procedimento será sempre o mesmo: colocar ideias referentes ao mesmo tema para conversar e dialogar, conforme apresento a seguir.

4.2. A intertextualidade: o diálogo entre textos

Agora, você tem, num único arquivo, vários trechos referentes a um determinado tema. O que precisa ser feito agora é colocar esses “trechos” para conversar entre si. Por exemplo, em relação ao aspecto “X”, todos os autores concordaram ser esse um aspecto de extrema relevância no processo de industrialização. Em contrapartida, no que diz respeito ao aspecto “Y”, apenas dois concordaram com a importância da variável; os demais discordaram, e por motivos diferentes.

Você terá que fazer isso com os conteúdos de todas as páginas em *Word* separadas por categoria: colocar os autores e suas ideias para dialogar. Para que isso seja feito da forma correta, darei algumas instruções a respeito de formas de estabelecer relações intertextuais na escrita acadêmica.

Na ABNT, a norma mais utilizada nas instituições brasileiras, há regras para as mais diversas situações e para as mais diferentes fontes (livros, artigos, sítios da internet etc.). Não é meu objetivo descrever todas as regras, e por um motivo bem simples: elas podem sofrer mudanças de um ano para o outro. Assim, se você for utilizar um manual da ABNT de 2025, encontrará mudanças em relação às regras vigentes no ano 2000. Acredito ser importante apenas que você saiba que há regras especiais em função do tipo da publicação, do número de autores e de outros fatores, e que elas podem mudar de um ano para o outro.

Há duas principais formas de colocar textos “para dialogar”. Podemos usar apenas as ideias que estão contidas no texto, ou podemos usar o texto propriamente dito. Quando usamos apenas as ideias (ou seja, quando resumimos, com nossas palavras, o conteúdo do trecho), estamos fazendo uma citação indireta; quando usamos o próprio texto, uma citação direta. No nosso contexto, vamos usar como exemplos os textos já anteriormente mencionados (Cano, 2012; Silva, 2013; Gomes, 2014; Salles, 2018).

Exemplo 1: Citações indiretas no texto.

Segundo Gomes (2014), klsjçk fskljslk ajçklsdj kljçklalk jkçjlçjçafjç kljçljs klsjçk fskljslk ajçklsdj kljçklalk jkçjlçjçafjç kljçljs klsjçk fskljslk ajçklsdj kljçklalk jkçjlçjçafjç kljçljs.

Gomes (2014) e Cano (2012) concordam que klsjçk fskljslk ajçklsdj kljçklalk jkçjlçjçafjç kljçljs klsjçk fskljslk ajçklsdj kljçklalk jkçjlçjçafjç kljçljs.

Explicação: no primeiro caso, uma das ideias de Gomes (2014) foi resumida com as próprias palavras do estudante e Gomes (2014) é citado no próprio texto que está sendo escrito. No segundo caso, Gomes (2014) e Cano (2012) apresentaram a mesma abordagem do problema; assim, embora as palavras possam ser diferentes, os significados são semelhantes. Eles são citados indiretamente, ambos dentro do próprio texto.

Observe que não é necessário adicionar a informação da página do trecho. Na citação indireta, não são utilizadas aspas.

Exemplo 2: Citações indiretas fora do texto

Klsjçk fskljslk ajçklsdj kljfçklalk jkçjlççafjç kljçljfs klsjçk fskljslk ajçklsdj kljfçklalk jkçjlççafjç kljçljfs klsjçk fskljslk ajçklsdj kljfçklalk jkçjlççafjç kljçljfs (Gomes, 2014).

Klsjçk fskljslk ajçklsdj kljfçklalk jkçjlççafjç kljçljfs klsjçk fskljslk ajçklsdj kljfçklalk jkçjlççafjç kljçljfs klsjçk fskljslk ajçklsdj kljfçklalk jkçjlççafjç kljçljfs (Gomes, 2014; Cano, 2012).

Explicação: no primeiro caso, uma das ideias de Gomes (2014) foi resumida com as próprias palavras do estudante e Gomes (2014) é citado fora do texto que está sendo escrito (quer dizer, em parênteses); no segundo caso, Gomes (2014) e Cano (2012) opinaram de forma semelhante e ambos foram citados entre parênteses, fora do texto, com os nomes separados entre si com ponto e vírgula.

Observe que não é necessário adicionar a informação da página do trecho. Na citação indireta, não são utilizadas aspas. O ponto final deve ser colocado após a referência do autor.

Vejamos, agora, as citações diretas. Elas não resumem as ideias do autor, mas reproduzem, fielmente, o que o autor escreveu. Por isso, a citação é apresentada entre aspas e a página da qual foi retirada é informada na referência.

Exemplo 3: Citação direta (ou literal) no texto.

Segundo Gomes (2014, p. 10), “klsjçk fskljslk ajçklsdj kljçklalk jkçjlçjçafjç kljçljfs klsjçk fskljslk ajçklsdj kljçklalk jkçjlçjçafjç kljçljfs klsjçk fskljslk ajçklsdj kljçklalk jkçjlçjçafjç kljçljfs”.

Explicação: uma das sentenças de Gomes (2014) foi citada com as suas próprias palavras e o seu nome faz parte do texto que o pesquisador está escrevendo. Observe que é necessário adicionar a informação da página do trecho. Na citação direta, são utilizadas aspas. O ponto final deve ser colocado depois do término das aspas que fecham a citação.

Exemplo 4: Citação direta fora do texto

“Klsjçk fskljslk ajçklsdj kljçklalk jkçjlçjçafjç kljçljfs klsjçk fskljslk ajçklsdj kljçklalk jkçjlçjçafjç kljçljfs klsjçk fskljslk ajçklsdj kljçklalk jkçjlçjçafjç kljçljfs” (Gomes, 2014, p. 10).

Explicação: uma das sentenças de Gomes (2014) foi citada com as suas próprias palavras e o seu nome não faz parte do texto que o pesquisador está escrevendo (está colocado em parênteses). Adicione a informação da página do trecho e utilize aspas no início e no final da citação. O ponto final deve ser colocado após a referência do autor.

Há regras específicas da ABNT para citações diretas e indiretas no caso de artigos que têm mais que um autor. Também há regras dependendo do tamanho da citação direta: em geral, quando a citação é maior do que três linhas do texto do pesquisador, ela é colocada em recuo com mudança do tamanho da letra e do espaçamento entrelinhas. Voltamos a lembrar: seja lá qual for a fonte que o estudante utilizar para acessar as normas da ABNT, ele deve sempre prestar atenção na data do documento já que as normas podem variar de ano a ano.

OBSERVAÇÃO: Se a normatização exigida for a ABNT, sugerimos duas fontes seguras em relação às normas de formatação e citações.

Referência 1: Manual para elaboração do trabalho acadêmico: citações e referências em padrão ABNT – PUC/SP Sistema de Bibliotecas.

Disponível em:

<https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/biblioteca/2025/manual-para-elaboracao-do-trabalho-academico-com-citacoes-e-referencias-em-padrao-abnt.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2025.

Referência 2: Guia de Normalização para Apresentação de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Paulista ABNT.

Disponível em:

https://www.unip.br/servicos/biblioteca/assets/download/manual_de_normalizacao_abnt.pdf. Acesso em: 17 mar. 2025.

É importante que se saiba que é considerado plágio acadêmico toda citação direta ou indireta que não está referenciada. Assim, se alguém utiliza as ideias de um autor no texto que está escrevendo, esse autor precisa ser referenciado também no texto, e não apenas ao final, nas referências bibliográficas. Se uma frase é “copiada” de um outro texto, deve-se colocar a fonte, no caso, a referência completa (nome do autor, ano e página). Se as citações diretas e indiretas não forem feitas de forma correta, o trabalho – e o seu autor – podem ser alvos de punição acadêmica. O mesmo se aplica às referências aos dados, gráficos e imagens incluídos no Relatório. Em resumo, tudo precisa ser minuciosamente referenciado.

5. A publicação de artigos acadêmicos

Da mesma forma como trabalhos anteriores de pesquisadores colaboraram para a pesquisa que você desenvolveu, é bastante provável que os resultados obtidos e apresentados no seu Relatório possam, também, auxiliar outras pessoas que estão investigando o mesmo tema.

A melhor forma (na verdade, a mais tradicional) de divulgar os resultados de uma pesquisa acadêmica é a publicação de artigos. Em outras palavras, chegou a sua vez de escrever um artigo para que outros possam utilizar as informações levantadas e a análise que você realizou.

O trabalho de escrever e publicar um artigo não é algo simples, tampouco fácil. Requer paciência e orientação. Portanto, a primeira sugestão é que você procure o orientador para que, juntos, possam escolher quais os recortes que serão feitos a partir do Relatório (a depender da pesquisa, um Relatório pode gerar dois artigos, pelo menos). Aliás, o artigo será um trabalho de coautoria envolvendo você e o orientador, sendo comum que o pesquisador (ou o estudante) seja o primeiro autor a assinar o artigo e, o orientador, o segundo.

Em seguida, você deve escrever o artigo tendo em mente que não é necessário copiar o que já foi feito: na verdade, considerando que o trabalho foi submetido à banca para aprovação, é bem provável que você tenha percebido falhas ou mudanças que gostaria de fazer. A hora é essa. Agora, você pode corrigir algumas coisas, explorar outras e adicionar algum conteúdo novo. Preste atenção: o artigo deve ter um começo, um meio e um fim. Ele deve se bastar, ser suficiente *per se*.

A escolha da revista na qual será submetido o artigo é um processo mais complexo. Há centenas de revistas para cada uma das áreas do conhecimento, cada uma avaliada de uma certa forma. As revistas mais qualificadas são aquelas em que é mais difícil publicar. No entanto, revistas mais novas, com uma avaliação ainda não tão elevada, podem ser excelentes escolhas.

No momento, a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), uma agência do Ministério da Educação, está reformulando os critérios a partir dos quais as publicações são avaliadas. No entanto, você pode tomar como ponto de partida as avaliações feitas recentemente (até 2020), disponíveis na Plataforma Sucupira.

As informações contidas na Plataforma poderão ajudá-lo a escolher a revista na qual você pretende publicar o artigo e, depois da escolha feita, você deverá ler atentamente todas as regras e normas exigidas pela revista para a submissão de artigos.

Depois de recebido o artigo, a revista costuma enviá-lo para, pelo menos, dois pareceristas. Estes pesquisadores lerão o texto e avaliarão se ele é ou não adequado para a publicação. Caso acreditem ser adequado, poderão pedir algumas mudanças ou esclarecimentos. Não se desespere: o processo de publicação de um artigo pode durar até um ano, a depender do volume de artigos que a revista costuma receber.

Tome cuidado com as assim chamadas publicações predatórias: são revistas que cobram taxas (bastante elevadas) para aceite e publicação de artigos. São chamadas de predatórias porque criam vieses no mundo acadêmico, aceitando publicações que não seriam aceitas em outras revistas acadêmicas. Em outras palavras, elas publicam qualquer coisa, desde que haja algum pagamento por parte do(s) autor(es) do texto. Um artigo publicado numa revista dessas será visto com desconfiança pelo mundo acadêmico, acredite.

SAIBA MAIS: A Plataforma Sucupira está disponível em <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 18 mar. 2025.

Na Plataforma, você poderá procurar a revista por área do conhecimento e, depois, por avaliação.

A publicação de um artigo encerra um ciclo: você escolheu um tema, pesquisou, selecionou e analisou artigos, escreveu um relatório, apresentou a pesquisa diante de uma banca, foi aprovado e buscou disseminar os resultados alcançados para o restante da comunidade acadêmica.

Vale a pena ressaltar, novamente, a importância da pesquisa e da escrita monográfica: embora possa parecer um propósito inatingível, ou de extrema dificuldade, de forma alguma o estudante deve desistir ou desanimar. Afinal, ele irá perceber que a sua pesquisa, e a publicação dos resultados que obteve, poderá ser o primeiro passo da pesquisa de outra pessoa! Afinal, é dessa forma que construímos o conhecimento.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 1990. 120p.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

JUDENSNAIDER, Ivy; SANTOS, Fernando Santiago dos. A inclusão de elementos filosóficos e históricos no ensino de ciências: entre NOS (*nature of science*) e FOS (*features of science*). In: FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. **História e filosofia das ciências da natureza e da matemática**: ensino, pesquisa e formação de professores. São Paulo: Edições Hipótese, 2019. p. 40 - 57. Disponível em: <https://hipotesebooks.wixsite.com/cazulo/catalogo>. Acesso em: 06 maio 2024.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

Sobre a autora



Ivy Judensnaider é economista pela Fundação Armando Alvares Penteado (1981), Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) no Programa de Estudos Pós-graduados em História da Ciência e Doutora em Ensino de Ciências e Matemática no PECIM/UNICAMP, trabalhou como professora do Ensino Superior por quase trinta anos. Foi redatora de materiais didáticos de Filosofia para Ensino Médio do Colégio Objetivo e de material de apoio de EaD da Universidade Paulista. No momento, desenvolve pesquisa de pós-doutoramento no Instituto de Geociências da UNICAMP e exerce atividades no setor de publicações. Atua como Editora Adjunta da [Revista Prometeica](#) e como escritora ficcional e biógrafa em [Histórias Que Contam](#).

